

A MINHA LUTA: 3

A ILHA DA INFÂNCIA

A close-up portrait of Karl Ove Knausgård, the author of the novel 'A Ilha da Infância'. He has long, wavy, grey hair and a full, grey beard. He is looking directly at the camera with a serious, intense expression. He is wearing a dark, possibly olive green, jacket. The background is dark and out of focus.

**KARL OVE
KNAUSGÅRD**

RELÓGIO D'ÁGUA

A Ilha da Infância

A Minha Luta: 3

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

© 2009, Forlaget Oktober as, Oslo
All rights reserved

Título: A Ilha da Infância — A Minha Luta: 3

Título original: *Min Kamp. Tredje Bok* (2009)

Autor: Karl Ove Knausgård

Tradução: Miguel Serras Pereira

Esta obra foi traduzida a partir da edição inglesa de Don Bartlett,

My Struggle: 3 — Boyhood Island, publicada em 2014.

Copyright da tradução inglesa © Don Bartlett, 2014

Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho

Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com) sobre fotografia do autor
por Andre-Loeyning

© Relógio D'Água Editores, Outubro de 2015

Esta tradução foi publicada com o apoio financeiro da NORLA.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-567-9

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores

Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal n.º: 399643/15

Karl Ove Knausgård

A Ilha da Infância

A Minha Luta: 3

Tradução de
Miguel Serras Pereira

Ficções

O tempo não corre nunca tão depressa como na infância, uma hora não é nunca tão breve como então. Tudo se abre à nossa frente, corremos de um lado para o outro, fazemos agora isto, depois aquilo, e, de repente, o Sol pôs-se e damos connosco na sombra e o tempo levanta uma barreira que nos corta o passo: Ai, são já nove horas? Mas o tempo também não é nunca tão lento como na infância e uma hora não é nunca tão longa como então. Toda a abertura desaparece por completo, torna-se impossível mudarmos deste lado para aquele, tanto em pensamento como no plano da realidade física: cada minuto é uma barreira e o tempo torna-se um compartimento no qual estamos fechados. Haverá coisa pior para uma criança do que estar dentro de um automóvel uma hora inteira, percorrendo um trajecto que conhece de trás para diante, presa da expectativa ansiosa de chegar, enquanto o fumo dos cigarros que os seus pais fumam enche o interior do carro e o pai bufa de irritação sempre que ela muda de posição e, sem querer, bate com o joelho nas costas do lugar do condutor?

Ah, o tempo passava tão devagar. Ah, desfilavam tão devagar do lado de fora da janela os marcos que assinalavam a distância. Subimos a encosta que partia do centro de Arendal, atravessando os loteamentos, na direcção da ponte de Hisøya, ao longo de toda a parte interior da ilha; passámos pela clínica de Kokkeplassen onde trabalhava a minha mãe; descemos a encosta; atravessámos ruas onde havia lojas; cruzámos a ponte sobre o Nidelva, e percorremos depois as planícies intermináveis na direcção de Nedenes, com as suas casas, os seus bosques e os seus campos cultivados. Ainda não chegámos sequer a Fevik! E, de Fevik, teríamos de continuar até Grimstad, sem contar ainda com a distância entre Grimstad e Lillesand, entre Lillesand e Timenes, entre Timenes e ponte de Varodd e, por fim, entre Varodd e Lund...

Yngve e eu íamos sentados no banco de trás, olhando a paisagem acidentada e variada que a estrada sinuosa percorria. Passámos diante das ilhotas e escolhos dos pequenos estreitos, entrámos em bosques frondosos, vimos desfilarem rios e cascatas, loteamentos residenciais e zonas industriais, quintas e prados — tudo tão conhecido e familiar que eu sabia a cada momento o que o seguinte me traria. Só despertávamos do nosso estado amodorrado quando passávamos diante do jardim zoológico, porque podia acontecer que tivéssemos, então, completamente

grátis, a oportunidade de ver algum dos animais do outro lado do gradeamento metálico. Passávamos e, no instante seguinte, voltávamos à modorra anterior. Durante uma interminável hora, continuávamos imóveis, no banco de trás, até que a cidade começava a ganhar forma à nossa volta e o centro de gravidade mudava da viagem a bordo do automóvel para a visita aos meus avós. Entrar na cidade era entrar de novo no tempo. O tiquetaque dos relógios recomeçava, lá estava a loja Oasen — um pouco mais abaixo viviam os nossos primos Jon Olav e Ann Kristin, os dois filhos de Kjellaug, irmã da minha mãe, e do seu marido Magne — e lá estavam os castanheiros e, ao fundo, por trás dos castanheiros, aqueles edifícios de tijolo, altos e sujos. Lá estava a farmácia, lá estava o quiosque Rundingen, lá estava o cruzamento e os seus semáforos, lá estava a loja de música, lá estavam as casas brancas de madeira, a rua estreita e, logo a seguir, do lado esquerdo, aparecia de súbito a casa amarela dos meus avós.

O meu pai deixou um pouco para trás a casa, desceu alguns metros da ladeira e tornou a subi-los em marcha-atrás, antes de entrar na pequena rua fronteira e terminar a manobra entrando no pequeno acesso íngreme do jardim.

O rosto da minha avó assomou à janela da cozinha. Depois de nos termos apeado, deixando o carro estacionado diante da porta de madeira da garagem com os seus fechos e dobradiças de metal, e quando começávamos a subir, a minha avó abriu a porta de casa.

— Então, sempre chegaram! — disse ela. — Entrem! — E enquanto nós entrávamos no pequeno compartimento da entrada, acrescentou: — Estava tão ansiosa por vos ver, meninos!

Deu um longo abraço ligeiramente balouçado a Yngve, que, embora desviando os olhos dela, gostava de ser abraçado assim. Depois, abraçou-me a mim, também demoradamente e fazendo-me balouçar do mesmo modo. Tal como Yngve, desviei os meus olhos dos dela, embora, tal como ele, gostasse do seu abraço. A minha avó cheirava bem e tinha o rosto quente.

— Parece-me que vimos um lobo no jardim zoológico! — disse eu, quando ela me soltou.

— É verdade? — perguntou a minha avó, rindo e despenteando-me o cabelo.

— Não é verdade — disse Yngve. — São só coisas que o Karl Ove imagina.

— Ah, tu não o viste? — disse ela, despenteando-o também. — Seja como for, é uma alegria ver-vos, meninos!

Pendurámos os casacos no armário embutido na parede da entrada, avançámos pelo tapete azul e subimos as escadas. No primeiro andar, a sala de estar ficava do lado direito e a cozinha do lado esquerdo. A sala de estar só era utilizada na noite de Natal e outras ocasiões solenes. Junto à parede menos comprida, com alguns quadros pendurados, havia um piano e, em cima dele, fotografias dos três filhos dos meus avós com os seus chapéus de estudantes. Encostadas à parede mais comprida, havia estantes de madeira escura com as portas envidraçadas e nas quais se viam alguns *souvenirs* das viagens dos meus avós — entre essas recordações, contava-se uma gôndola cintilante e um bule de vidro, em tons de castanho e dourado, com o bico extraordinariamente longo e incrustações do que eu pensava serem diamantes e rubis. No interior da sala havia duas poltronas de pele escura, entre as duas um armário pintado à antiga maneira norueguesa e, diante delas, uma pequena mesa. Uma grande janela dava sobre o rio, com a cidade ao fundo. Mas, por ocasião das visitas sem cerimónia como a daquele dia, não era ali que nos instalávamos: entrávamos pela porta do lado esquerdo, que dava acesso à cozinha e a duas outras divisões contíguas, uma das quais comunicava com a sala por meio de uma porta de correr. Metade da parede mais comprida era ocupada por uma janela, da qual se via, primeiro, o jardim, depois o rio que se alargava na direcção do mar e, por fim, recortado no horizonte mais distante, o farol de Grønningen.

A casa cheirava bem — não só pelo odor que chegava da cozinha, onde a minha avó fazia almôndegas com um molho acastanhado, que cozinhava melhor do que ninguém, mas devido também a esse cheiro peculiar e constante que nela havia como que subjacente a todos os outros cheiros: um aroma doce e ligeiramente frutado que me fazia evocar aquela casa quando o sentia longe dela, como acontecia, por exemplo, quando os meus avós nos visitavam, trazendo a acompanhá-los esse cheiro, que lhes impregnava a roupa e que eu reconhecia no momento em que eles entravam.

— Muito bem — disse o meu avô depois de termos entrado para a cozinha. — Apanharam muito trânsito pelo caminho?

O meu avô estava sentado na sua cadeira, com as pernas ligeiramente afastadas, com um casaco cinzento por cima da camisa azul. O estômago formava-lhe uma proeminência por cima da cintura das calças cinzento-escuras. Tinha o cabelo preto puxado para trás, com uma pequena mecha encaracolada que lhe caía sobre a fronte. Pendia-lhe dos lábios meio cigarro apagado.

— Não muito, a viagem fez-se bem — disse o meu pai.

- E que tal, o totobola de ontem? — perguntou o meu avô.
- Fraco — disse o meu pai. — O máximo que consegui foi uma coluna com sete resultados certos.
- Eu tive duas com dez — disse o meu avô.
- Nada mal — disse o meu pai.
- Falhei no sete e no onze — disse o meu avô. — No onze, tive azar. Porque houve um golo já no período dos descontos.
- Pois foi — disse o meu pai. — Eu também não acertei nesse.
- Sabes o que é que um aluno disse noutra dia ao Erling? — perguntou a minha avó de junto do fogão.
- Não. O que foi? — disse o meu pai.
- Uma manhã, um dos alunos perguntou-lhe: “Ganhaste o totobola, ou quê?” O Erling respondeu-lhe: “Não. Mas porquê?” “É que estás com um ar tão feliz...”, disse-lhe o aluno. — A minha avó riu-se. — “Estás com um ar tão feliz!” — repetiu ela.
- O meu pai sorriu.
- Querem um café? — perguntou a minha avó.
- Sim, eu tomava um, por favor — disse a minha mãe.
- Mas vamos, então, para a outra sala — disse a minha avó.
- Podemos ir lá para cima ver umas revistas? — perguntou Yngve.
- Podem — disse a minha avó. — Mas vejam se não deixam tudo desarrumado!
- Claro que não — disse Yngve.

Num passo cauteloso, porque aquela casa também não era lugar para correrias, voltámos à entrada e subimos para o segundo piso. Lá em cima, além do quarto dos meus avós, havia uma água-furtada onde estavam guardados alguns caixotes de cartão com revistas velhas, que remontavam à infância do meu pai, na década de 1950. Havia igualmente uma variedade de outros objectos, como uma calandra para lençóis e toalhas de mesa, uma velha máquina de costura, brinquedos de outros tempos, entre os quais se contava um pião de estanho e qualquer coisa que parecia ser um robô, também de estanho.

Mas eram as revistas de banda desenhada o que mais nos atraía. Como não nos autorizavam que as levássemos para casa, tínhamos de as ler ali e, por vezes, era o que fazíamos o tempo todo, desde que chegávamos até tornarmos a partir. Carregando connosco uma quantidade de números, descemos e sentámo-nos a ler, para só voltarmos ao primeiro piso quando a avó nos chamou, dizendo que a comida estava na mesa.